

SALVADOR, BA, 18 DE DEZEMBRO DE 1998

*Senhor Vice-Presidente, Marco Maciel; Senhor Presidente do Senado, meu amigo, meu companheiro Antônio Carlos; Senhor Presidente da Câmara, Michel Temer; Senhor Governador César Borges; Senhor Prefeito Imbasahy; Dona Arlete, Michelle e familiares; Governadores, Prefeitos, Senadores, Deputados; Povo da Bahia,*

Custa crer que, oito meses depois, estejamos aqui e a emoção seja a mesma, que nós todos nos sintamos tão profundamente tocados pela morte de Luís Eduardo.

Mas nós vimos aqui para celebrar, ao mesmo tempo, a vida, porque Luís Eduardo – e este monumento expressa isso – era um homem de visão, era um homem de energia, era um homem de alegria, era um homem de vida.

Eu não sei o que terá inspirado o autor do monumento, o Prefeito e seus colaboradores. Mas, ao olhar para este Memorial, ao ver essas pilastras de granito, me dá a impressão de que há um toque grego e que, quem sabe, cada uma dessas colunas represente uma das dimensões do que foi Luís Eduardo.

Alguma vez, um grande homem de cultura, André Malraux, ao chegar ao Brasil e ao ir a Brasília, ao ver o desenho da capital, aquela espécie de pássaro alado, mas fincado no chão sob a forma de uma cruz, disse que ali era o local onde se construiria a Capital da Esperança.

Ao ver, agora, aqui, este monumento, este Memorial, tenho a sensação de que é uma espécie de crisma da Bahia, onde a Bahia confirma as dimensões que estavam sintetizadas no espírito e na ação do Luís Eduardo: o amor, em uma das colunas. Amor que Luís Eduardo tinha ao Brasil, que tinha a seu pai, à sua mãe, à família, a seu partido, à sua Câmara, aos seus amigos. Luís Eduardo era um homem do amor, na expressão mais pura que o vocábulo pode significar. Um homem que gostava, que se sentia ligado.

Eu penso, ao olhar para este monumento, que esta coluna expressa a dimensão do amor.

Mas Luís Eduardo era também um homem firme. A firmeza não se contrapõe ao amor. Eu olho para esta outra coluna branca, reta, e vejo a dimensão que Luís Eduardo tinha de um homem decidido, de um homem firme, de um homem que, quando tinha um objetivo, ia direto a ele. E ai de mim se não tivesse tido Luís Eduardo como Presidente da Câmara ou como Líder da maioria no Congresso nos momentos mais difíceis.

Luís nunca vacilou, porque a compreensão, a generosidade, a dimensão do amor não tiravam dele a vontade férrea, a decisão, a capacidade de se impor, quando necessário, a crença nos seus objetivos.

Mas vejo também a outra dimensão, que, nele, era um pouco escondida, como é em muitos de nós, que é a dimensão da alegria, da felicidade.

Antônio Carlos acaba de dizer que, a despeito da dor, da morte, do luto, da saudade, ele se sentia feliz. Ele se sente, hoje, feliz, porque vê que celebramos – e celebramos com a alma, com o coração, com nosso sentimento – um homem que é reconhecido como um homem que tinha generosidade, mas tinha também decisão, retidão e que construiu o Brasil moderno.

Aquela coluna mostra também o outro lado de Luís Eduardo. Ele gostava da vida. E quem não gosta da vida não é capaz de amar. Quem não gosta da vida não é capaz de transformar. Quem não gosta, quem

não sente até prazer mesmo no convívio com seus irmãos, com suas irmãs, com seus semelhantes não tem a capacidade de modificar. Não é político. Não é capaz de transmitir, com a palavra, a esperança, a vontade de que as coisas melhorem, o sentimento de justiça pelo qual clamava o Senador Antônio Carlos.

Luís amava a vida. Luís era firme. Mas Luís era alegre. Fui companheiro dele. A diferença de idade é muito grande, mas não de sentimento, não a comunhão de certos valores, não a decisão de mudar o Brasil e também não a alegria de viver.

Tivemos muitas e muitas horas, mas muitas mesmo, mesmo nos momentos mais difíceis, em que alternávamos a vontade firme, a vontade e o amor por este país, como também a nossa dimensão quase lúdica de ver as coisas, mesmo nos piores momentos, com uma dimensão de alegria.

Vejo, neste monumento, a conjugação de tudo isso. E aqui, nesta Bahia, que é crismada por Luís Eduardo, ele confirma as virtudes dos baianos – de seu pai, para começar – e de muitos outros baianos que marcaram a história do Brasil. Aqui, nesta Bahia, estamos neste monumento, com estas colunas, repito, quase gregas, mas tropicais. Essa é a nossa vantagem, de podermos recriar aquilo que foi produzido por outros.

Nós vemos, talvez, nesta água, o sentimento de uma bênção nacional. O sentimento de sentir que aqui, na Bahia, quem gosta da Bahia gosta do Brasil, e quem não gostar da Bahia não é capaz de gostar do Brasil.

Gostei de Luís Eduardo a vida inteira. Gosto da Bahia, gosto do Brasil. Estou comovido, mas estou, também, feliz. Tenho certeza dos nossos objetivos. Vou continuar lutando por eles. Todos vamos lutar juntos. Mas eu também estou contente.

E é esse estranho sentimento, quer dizer, ao prantear a saudade, ao chorar – porque nós choramos – pela ausência do amigo, do filho, do irmão, nós também nos sentimos reconfortados, porque sabemos não apenas que, aqui, neste bronze, há uma aspiração à eternidade, mas, muito mais do que isso: nessas águas há um movimento envolvente.

Luís Eduardo é um estilo de pessoa que deixa semente, que não morre. Estas águas ondulando são expressão viva de um sentimento que será perene em todo o Brasil, não só de saudades, de gratidão, mas também de convicção de que as coisas vão melhorar, porque o Luís Eduardo nos ajudou a dar o impulso. E nós somos sensíveis, sensíveis mesmo, a tudo aquilo que ele simboliza.

Agradeço a possibilidade de ter dito, de improviso e de coração, umas poucas palavras que – espero que me perdoem – nem as tenho escrito. Mas elas expressam, realmente, tudo o que sinto de mais profundo e o meu sentimento mais nobre, ao dizer: Luís Eduardo, você foi meu irmão.